

# O PATRIMÔNIO E A IDENTIDADE CULTURAL: OS MUSEUS COMO ESPAÇO DE APROPRIAÇÃO E GUARDIÕES DE MEMÓRIA EM AREIA – PB

Autor: Andresson Araújo Gomes<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa do PIBIC/CNPq 2015/2016, que tem como objetivo analisar os museus da cidade de Areia. Tomando os museus como lugares oportunos e adequados a valorização do patrimônio histórico e fixador de uma identidade cultural, e partindo do novo conceito de cultura (como sistema de significados que produz profundas mudanças em tudo que se relaciona), estamos inserindo uma perspectiva em que aborda os museus como centros identitários que acumulam as funções de conferir valor e de definir a autenticidade a um lugar. Com isso analisamos as formas de apropriação dos museus da cidade de Areia-PB, através da percepção das comunidades de seu entorno e do público visitante desses espaços, fazendo uma contextualização com as histórias dos museus, através de um levantamento histórico (temporal e espacial) sobre o processo de criação e vivência dos mesmos, refletindo sobre a importância de visitar museus, considerando-os como guardiões da memória histórica e social da cidade de Areia.

**Palavras-chave:** Museu; Patrimônio Histórico; Identidade; Memória.

## INTRODUÇÃO

As mais antigas e reconhecidas instituições do campo da cultura e do patrimônio cultural são os museus. Desde Alexandria, passando pela Antiguidade Romana, e pela renascença, o gosto pela procura de vestígios, por curiosidades, tem despertado o interesse do homem movido pelo conhecimento de objetos portadores de significado, que dão suporte à memória coletiva, fonte da história. Assim partindo do novo conceito de cultura, como sistema de significados, que produz profundas mudanças em tudo o que a ela se relaciona, estamos inserindo nesta perspectiva os museus, que podem ser tomados, como centros identitários que acumulam as funções de conferir valor e de definir a autenticidade a um lugar.

Assim, vai ser a partir da década de 70, por meio das lutas engajadas pelos movimentos sociais que reivindicavam além de direitos como cidadãos e sujeitos ativos nos processos políticos, a sua memória. Sendo assim é por meio desta, que se dava a "luta de fato pela afirmação de sua identidade étnica e cultural" (ORIÁ, 2006, p. 129). Esses movimentos, também colocou nos debates a questão da democratização da cultura em torno do papel dos museus. Porém, Julião (2006, p.24) comenta que sob a orientação de Rodrigo de Melo Franco de Andrade o museu ainda permanecia com “um conceito de patrimônio restritivo, associado ao universo simbólico das elites, á ideia hierárquica da cultura e ao critério exclusivamente estético dos bens culturais”.

A partir das mudanças ocorridas no país na década de 80, iniciou um processo de ressignificação dessas localidades, com vista a torna-los cada vez mais presentes, em especial, nas cidades, tendo como uma das suas principais pretensões o atendimento e a identificação do público onde se encontra inserido.

---

<sup>1</sup> Graduando em História Pela Universidade Estadual da Paraíba.

Projeto de Iniciação Científica PIBIC/CNPq 2015/2016 Orientador (a): Professora Doutora Maria Lindaci Gomes de Souza.

Essas modificações atuaram promovendo uma reflexão acerca do que observamos no espaço museológico para assim entendermos que a intenção da promoção destes espaços não é fazer o visitante visualizar as peças como algo antigo, ultrapassado e sem utilidades no presente; mas sim perceber como tais objetos criam uma teia de significados que atuam criando e recriando por meio do diálogo com o tempo, contrapondo desta forma, visões de mundo e de sociedades. Diríamos que esta nova museologia desceu do pedestal no qual se encontrava para se inserir melhor socialmente, ou seja, deixou de ser lugar de sacralização e de admiração de coisas exóticas, para passar a ser espaço da comunidade, espaço este onde a mesma possa produzir e apresentar sua própria cultura, podendo assim refletir e reforçar seus traços identitários.

O museu como espaço institucional ultrapassou suas próprias barreiras originárias para se tornar lugar de cidadania integrando cultura e sociabilidade com a sociedade que o inclui. Ramos (apud AMARAL, 2006, p.59) ressalta que: “sua responsabilidade social [do museu] é excitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo”. Depois que se descobriu que o verdadeiro motor do crescimento é preservar e potencializar os elementos culturais peculiares de cada sociedade - e os museus são instrumentos fundamentais nesse processo - está havendo uma maior conscientização em relação à manutenção desses espaços, assim como o desenvolvimento de políticas públicas voltadas a promoção da visibilização dos mesmos com vista a despertar na sociedade o sentimento de pertencimento, identidade, preservação e cuidado.

A ideia de museus como agentes de mudança social e de desenvolvimento representa uma nova visão de museus que se configura totalmente diferente do sentido de preservação e de guarda de peças tidos nos chamados "Gabinetes de curiosidades" antes do período do Renascimento.

Um aspecto a ser destacado na pesquisa em museu que se constitui em um problema é em relação à concepção de exposição usada pelo museu. Sabemos que na grande maioria ocorre apenas uma reunião de objetos que não despertam o interesse do visitante como também não contribui para formar a imagem desses locais de memória. Nesse sentido, nossa perspectiva de análise centra-se em destacar a proposta museológica, assim como a configuração usada para a leitura dos objetos que serão tomados como objetos testemunhos nos museus selecionados para pesquisa.

O projeto visa demonstrar/visibilizar que as culturas são passíveis de convívio harmonioso e que os sujeitos devem investir no respeito, na valorização de suas raízes, ou seja, começar a (re)conhecer o que “é seu” para depois partir para o conhecimento das demais culturas. Desta forma, o projeto visa analisar a apropriação dos museus da cidade de Areia-PB, através da percepção das comunidades do seu entorno e do público visitante desses espaços; Identificar as formas de divulgação utilizadas pelos museus; Promover um aumento de 50% de visitação de museus pelas escolas circunvizinhas; Visibilizar onde se encontram localizados os museus na cidade de Areia; Fazer o mapeamento de 100% dos bairros, nos quais se encontram os museus, assim como o espaço físico que estes ocupam; Contextualizar a história dos museus, através de um levantamento histórico (temporal e espacial) sobre o processo de criação e vivência dos mesmos.

## **METODOLOGIA**

Na pesquisa, como aporte teórico metodológico, utilizamos uma abordagem qualitativa, partindo do pressuposto de que esta, não percebe o objeto de estudo como um dado inerte e neutro, mas possuído de significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações, a partir de uma realidade de inter-relações como também o uso de entrevistas

estruturadas e semiestruturadas que enriqueceram a nossa coleta de dado; a pesquisa também foi pautada numa pesquisa bibliográfica, documental e história oral temática.

Museu é um lugar onde se encontram reunidas curiosidades de espécies, obras de arte, exemplares científicos, históricos ou etc. Existem vários tipos de museus e podem ser espaços público ou privado, mas normalmente tem a característica de ser um espaço sem ânimos de lucro, ainda que não deixem de existir tais. De todo modo, uma característica comum é a dedicação a conservação e a exposição de bens referentes a cultura em geral.

Os museus são uma das instituições mais antigas e reconhecidas do campo da cultura e do patrimônio cultural. Desde os tempos antigos que o gosto pela cultura, tem despertado a atração do homem, movido pelo conhecimento de objetos portadores de significado, que dão suporte à memória coletiva, fonte da história. Assim, partindo do novo conceito de cultura, como sistema de significados, que produz profundas mudanças em tudo o que a ela se relaciona, está inserindo nesta perspectiva os museus, que podem ser tomados, como centros indeníveis que acumulam as funções de conferir valor e de definir a autenticidade a um lugar.

De acordo com a Suano (1986), na obra “o que é museu”, a palavra museu teve sua origem na Grécia antiga, entretanto, nessa época essa nomenclatura não possuía o significado, o qual existe atualmente, mas com o decorrer do tempo o mesmo foi sofrendo alterações diversas. “Na Grécia Antiga *mousseion*, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa voltado sobretudo para o saber filosófico”. (SUANO, 1986, p 10). Conforme a mitologia grega as musas eram filhas de Zeus com a divindade da memória a *Mnemosine*. O espaço do *mousseion* tinha como utilidade descansar para que o homem pudesse dedicar a exaltar as ciências e as artes. A autora discorre que foi apenas na dinastia dos Ptolomeus, no Egito Antigo, que o *mousseion* da Alexandria obteve uma segurança econômica, a qual assegurou a sua formação e a sua preocupação era do saber enciclopédico.

Buscava-se discutir e ensinar todo o saber do tempo no campo da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia etc. O *mousseion* de Alexandria possuía, além das estátuas e obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, presas de elefante, pedras e minérios trazidos de terras distantes, etc. E dispunha de bibliotecas, anfiteatro, observatório, salas de trabalho, refeitórios, jardim botânico e zoológicos. (SUANO, 1986, p 11).

No período romano as coleções possuíam uma finalidade oposta da Alexandria, além de demonstrar as riquezas, também tinham a intenção de evidenciar a força dos rivais conquistados. Vemos então que, as coleções romanas assumiam a condição de expor o domínio dos romanos sobre os inimigos.

Já na Idade Média, o colecionismo ganhou uma nova fase, nesta época a igreja católica, por ser a instituição de maior poder, ela passou “a ser a principal receptora de doações eclesiais e de patrimônio de príncipes e famílias abastadas da época, e também formou verdadeiros tesouros, como o famoso tesouro de São Pedro”. (COELHO, 2009, p 9).

Coelho (2009) discorre que, os museus no período medieval conservaram os conhecimentos humanos, a qual serviu de inspiração aos artistas e ao mesmo tempo possuía a finalidade para uma reprodução estética de aprovação da Igreja, motivo este pelo qual estes espaços tiveram aspectos religiosos.

Por volta do século XV, o colecionismo foi marcado pelo renascimento tornando moda em toda a Europa. Nesta época, o homem viveu uma revolução nas ciências e juntamente com a experiência da expansão marítima, que apresentou ao homem um novo mundo, segundo a Julião (2006). As coleções principescas surgiram no fim do século XIV, porém elas foram enriquecidas nos séculos XV e XVI, vale salientar que os gabinetes de curiosidades e as coleções científicas surgiram também nesse mesmo período e os seus

espaços eram constituídos por seres exóticos trazidos de terras distantes, com o decorrer do tempo as tais coleções foram ganhando uma organização.

Entre os séculos XV e XVIII, as coleções que emergiram tornaram museus, de acordo com a concepção que temos atualmente, porém em sua origem as coleções eram de exclusividade dos seus proprietários, ou seja, o público não tinha acesso aos objetos. O público obteve acesso somente no final do século XVIII, possibilitando assim, a emergência dos museus nacionais.

Foi durante a Revolução Francesa, que a compreensão do patrimônio cultural ganhou destaque, estimulando o orgulho pelo passado. Vemos então, que o patrimônio cultural tornou um elemento para representação da identidade nacional. Segundo, a Coelho (2009), o Ashmolean Museum, de Oxford, localizado na Inglaterra, inaugurado em 1683 foi o primeiro museu público europeu, as peças dessa instituição foram doadas por John Tradescin a Elias Ashmole. Porém, o acesso ainda ficou restrito, apenas aos especialistas e estudantes universitários mantinha acesso ao local.

O conceito de patrimônio histórico é imprescindível para corroborar na fomentação da abordagem. Tomando Françoise Choay como base para discutir o conceito de patrimônio histórico, ele nos mostra que patrimônio é um elemento revelador que condiciona e encerra questões de uma sociedade. A noção de patrimônio está ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade fixa, arraigada no recinto e no tempo. Patrimônio histórico segundo Choay é,

Uma expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de bens de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos (CHOAY, 2001, p. 11).

Com a relação ao conceito de memória discutimos com o teórico Ricardo Oriá, que fala da importância de se trabalhar história e memória na educação, como condição essencial para a construção de uma nova cidadania e identidade nacional e plural. Oriá considera que a escola e, em especial a aula de história, tem um papel fundamental nesse processo. É ela, na sua concepção,

o locus privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social (ORÍÁ, 2006, p. 130).

Sobre o conceito de identidade dialogamos com Stuart Hall, onde ele debate algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade apresentando uma afirmação de que as identidades modernas estão sendo descentradas, transformando as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos integrados e promovendo uma “crise de identidade”. Ele argumenta que a apresentação de um sujeito pós-moderno, com uma identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais são representados nos sistemas culturais que os rodeiam, mostra a necessidade de adaptação deste sujeito em uma sociedade que influi e é influenciada pela globalização libertando-se de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas, deslocando as identidades culturais nacionais. O autor mostra o efeito contestador e deslocador da globalização nas identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Esse efeito verdadeiramente pluralizante, altera as identidades fixas, tornando-as menos fixas, plurais, mais políticas e diversas.

Resultados foram obtidos durante a pesquisa. Com a pesquisa documental foram localizados os museus da cidade de Areia. Como também foram identificadas a história de

dois museus de Areia: O Museu da Rapadura - Engenho e Casa-grande e o Museu Regional de Areia (Mura)

<b>Museus</b>	<b>Localização</b>	<b>Data</b>
Museu da casa de Pedro Américo	Rua Pedro Américo (66 Centro)	Inaugurado em 1943
Museu do Brejo Paraibano (Também conhecido como “Museu da Cachaça e da Rapadura”)	Campus II da UFPB - Centro de Ciências Agrárias - Rodovia BR 079 - km 12	Inaugurado em 1978
Museu Regional de Areia	Rua Pedro Américo (Ao lado da Igreja Matriz)	Inaugurado em 1972

### Museu da Rapadura - Engenho e Casa-grande

Em 1842, Francisco Coelho de Albuquerque adquiriu de Joaquim Chapeleiro a propriedade da Várzea, hoje pertence a Universidade Federal da Paraíba, campus III, onde funciona o Centro de Ciências Agrárias. Na época, era apenas um pequeno engenho rústico, coberto de palha, situado ao lado da casa-grande.

O engenho foi construído em 1870 e administrado durante vários anos pelos irmãos João Carlos de Almeida e Augusto Clementino de Almeida, casados com Teodolina de Albuquerque de Almeida e Arcanja Quitéria, respectivamente. Hoje o engenho abriga uma parte do acervo do Museu da Rapadura, conservando peças originais como um alambique de barro, que fazia cachaça apenas para os donos do engenho. Sendo construída em uma parte mais elevada que o engenho, a casa-grande, a princípio, era apenas uma, depois foi construída mais uma ao lado, seguindo os mesmos traços arquitetônicos da fachada. No início deste século foi feita a terceira casa, completando o seu formato atual.

Em 1822, a propriedade foi vendida a João Paulo de Miranda Henrique. Sendo desapropriada em 1933, pelo governo estadual para a instalação da Escola de Agronomia do Nordeste. Os dois edifícios, casa-grande e engenho sofreram algumas modificações, devido ao seu uso pela Escola de Agronomia. Em 1978, os dois prédios foram totalmente restaurados para a instalação do Museu da Rapadura. Obra que só foi possível graças ao testemunho de algumas pessoas que viveram àquela época, resgatando traços e características de um tempo cunhado nas lutas e sagacidade de um povo.

No engenho, o museu resgata todo o processo arcaico em que se constituía a fabricação dos derivados da cana-de-açúcar, fonte de poder e dominação do Brasil colonial; começando da velha almanjarra movida pela força dos escravos, passando pelas formas do açúcar mascavo até o velho alambique de barro e chegando ao processo industrial da produção da cachaça e da rapadura, como a moenda movida a óleo diesel.

O prédio segue o a arquitetura fabril da segunda metade do século XIX, época em que os derivados da cana-de-açúcar se ampliavam, em consequência da expansão do algodão pelo sertão. Os velhos engenhos de taipa e cobertura de palha dão lugar aos enormes edifícios de alvenaria, responsáveis pela economia da região.

Presente desde os primórdios de nossa civilização, a casa-grande foi o elemento organizador da sociedade, o núcleo de dominação social, econômica e política; apoiado nas relações de trabalho escravistas e semifeudais e na estrutura latifundiária e na monocultura da cana-de-açúcar. Em torno dos engenhos emergiu uma aristocracia rural forte, cujos padrões de vida serviam de modelo para as cidades que iam surgindo. No topo dessa sociedade patriarcal dominava a figura do senhor de engenho, que a tudo e a todos submetia.

O Museu preserva uma casa-grande típica da região do brejo, ou seja, simples e despojada, raramente apresentando senzala e capela. Sua construção, portanto, data do século dezanove e início do vinte. No seu acervo estão utensílios da época, como móveis rústicos um relógio de parede de 226 anos funcionando perfeitamente, uma pedra de moer milho, um gargalho de ferro que servia para prender os escravos pelo pescoço, uma palmatória de ferro e um acervo de 280 garrafas de cachaça, etc.

Devido ao grande número de visitantes ao museu, foi reservada uma sala para exposições e realizações de cursos, com o intuito de resgatar e divulgar a importância cultural da cidade.

### O Museu Regional de Areia (Mura)

O Museu Regional de Areia (Mura) tem como missão institucional resgatar, preservar e difundir a memória da região da cidade de Areia, promovendo atividades científicas e culturais com vistas ao desenvolvimento social. O Mura foi criado em 1972 pelo cônego Ruy Barreira Vieira, juntamente com alguns representantes da sociedade areense, preocupados em registrar a história da cidade e dos seus ancestrais.

O museu foi reconhecido como de utilidade pública pela Lei nº 147 de 04/10/1973, da Câmara Municipal de Areia, e pela Lei nº 3.870 de 28/12/1976, da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba.

Dentre os principais objetivos destacam-se: zelar pelo acervo histórico e cultural da região; despertar, principalmente na juventude, o respeito ao passado através do conhecimento dos hábitos, costumes, cultura e arte das gerações anteriores; apoiar o turismo cultural e a difusão do patrimônio cultural da cidade de Areia e entorno; e colaborar com o desenvolvimento de planos, projetos e programas que fomentem o progresso científico, artístico e cultural da região do brejo paraibano.

O acervo do Museu Regional de Areia (Mura) é composto por peças de diversas categorias, como Arte Sacra, Artes Decorativas, Artes Visuais, Etnologia, Documentos Textuais e Iconográficos, além de uma pequena coleção de Mineralogia, Zoologia e Paleontologia. O acervo do Mura está organizado de acordo com as seguintes temáticas: “Areia e a história”, registro da evolução da cidade, da rota de tropeiros, dos movimentos políticos, dos cuidados com a educação, os ciclos econômicos até o tombamento pelo Iphan como patrimônio nacional; e “Areia e a Arte”, registro das manifestações culturais com destaque para a vida e obra dos pintores Pedro Américo e Aurélio de Figueiredo e do escritor José Américo, dentre outros.

Considerando a necessidade de ações de salvaguarda e restauração em grande parte do acervo do Museu Regional de Areia, foi aberta ao público a exposição “Areia e a Arte Sacra”, composta por Imaginária, Crucifixos, Oratórios, Objetos Litúrgicos, Paramentos Religiosos, Mobiliário e Iconografia. Lembrando que o Museu Regional de Areia foi reinaugurado no dia 03 de Fevereiro de 2012. Em comparação ao seu antigo local (PIO XII), este museu, que está localizado na Rua Pedro Américo ao lado da Igreja Matriz (Nossa senhora da Conceição), está muito mais organizado. Por enquanto, foi inaugurada a Arte Sacra faltando à decorativa, visual, dentre outros!

## **CONCLUSÃO**

Fazendo uma análise de nossas pesquisas, entrevistas e estudos teóricos; percebe-se o quanto os museus são importantes para o crescimento, preservação e potencialização dos elementos culturais de uma sociedade. Tomando O Museu Regional de Areia como exemplo, que tem como missão institucional resgatar, preservar e difundir a memória da região da

cidade de Areia, promovendo atividades científicas e culturais com vistas ao desenvolvimento social; é imprescindível para uma comunidade, que quer estabelecer uma identidade cultural, ter tal projeto ativo, pois, cria na sociedade a conscientização na valorização de sua história.

Os museus são instrumentos fundamentais para a preservação e potencialização dos elementos culturais de uma sociedade. Os museus são essenciais no processo de conscientização nas pessoas para uma maior valorização de sua história. O museu consegue despertar nas pessoas um sentimento de pertencimento, identidade, preservação e cuidado para com sua história.

## REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

COELHO, Erica Andreza. **A relação entre Museu e escola**. 2009

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**, 2004. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. In: CADERNO de diretrizes museológicas. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

LOPES, M. M. **A favor da desescolarização dos museus**. *Educação e Sociedade*, n. 40, p. 443-55. 1992.

ORIÁ, Ricardo. *Memória e ensino de História*. BITTENCOURT, Ciro na sala de aula (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. Ed. Brasiliense, 1986.